



7 • Correio Braziliense — Brasília, domingo, 14 de maio de 2023

<b>Bolsas</b> Na sexta-feira	<b>Pontuação B3</b> Ibovespa nos últimos dias	<b>Dólar</b> Na sexta-feira	<b>Salário mínimo</b> R\$ 1.320	<b>Euro</b> Comercial, venda na sexta-feira	<b>CDI</b> Ao ano	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
0,19% São Paulo	107.114 9/5 10/5 11/5 12/5	R\$ 4,923 (-0,27%)		R\$ 5,343	13,65%	13,65%	Dezembro/2022 0,62 Janeiro/2023 0,53 Fevereiro/2023 0,84 Março/2023 0,71 Abril/2023 0,61
0,03% Nova York		Últimos					
		8/maio 5,011					
		9/maio 4,987					
		10/maio 4,950					
		11/maio 4,937					

## » Entrevista | MARCELO FREIXO | PRESIDENTE DA EMBRATUR

Há pouco mais de 100 dias à frente da empresa, o dirigente trava uma batalha em defesa do projeto que destina 5% dos recursos do Sesc-Senac para a agência. E aposta em informação e sustentabilidade para atrair mais estrangeiros ao país

# “R\$ 447 milhões é nada para promover o Brasil”

» ANDREA MALCHER  
» CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA

Carlos Vieira/CB



Para Marcelo Freixo, promover o turismo no Brasil é uma tarefa que deve ser compreendida como política pública, e não política de governo. Por essa razão, em pouco mais de 100 dias à frente da Embratur, o político nascido em São Gonçalo (RJ) está empenhado em qualificar o trabalho da agência cuja missão é mostrar ao mundo as qualidades do país de diversidade extraordinária. A primeira tarefa, nesse sentido, foi reunir informações confiáveis para extrair ao máximo o potencial turístico das cidades brasileiras. O trabalho está condensado no Mapa do Turismo Internacional, publicação que detalha as características e os atrativos de cada unidade da Federação. Mais do que organizar dados, Freixo luta por um orçamento. Ele está em uma briga feroz com o Sesc-Senac, fortemente contrário ao projeto de lei, aprovado na Câmara e em curso no Senado, que destina 5% do excedente dessas entidades à Embratur. Trata-se de uma briga por R\$ 447 milhões. Freixo reclama do jogo pesado, segundo ele com inverdades, do Sistema S contra a Embratur, mas não se intimida. “Eu posso ganhar, eu posso perder. Eu só preciso ter a consciência tranquila de que estou do lado certo. Eu já passei por muita coisa na vida. Não é a primeira pressão que eu sofro, nem vai ser a última. Eu tenho muita clareza de que estou do lado certo”, diz, nesta entrevista ao **Correio**. Leia, a seguir, os principais trechos.

### O senhor mudou a marca oficial do Brasil. Por quê?

Quando eu entrei nesta sala pela primeira vez, eram inúmeros cartazes com a marca do governo anterior. E era “Brazil, visit and love us” (Brasil, visite e nos ame). Na tradução, isso esbarra em uma enorme possibilidade de um entendimento muito ruim. Tomei um susto. Falei: “Arranca tudo rápido”. Imagine, eu atender alguém aqui e “Brasil com Z”? E falei: vamos retomar a marca Brasil. E a gente retomou.

### E o que é a marca Brasil?

A marca não é de um governo. É uma identidade de um país. A gente, inclusive, estuda colocar essa marca em outros lugares. Passaporte, carimbo... A gente quer que a marca Brasil cole. Cada cor foi identificada a partir de um olhar que os estrangeiros têm do Brasil, segundo uma pesquisa feita. O verde é a mata; o amarelo é o sol; o branco são as religiões; o azul é mar; o vermelho são as festas. Recuperar a marca Brasil é recuperar o investimento no turismo, que é o que a gente quer.

### Como tornar o turismo uma atividade econômica mais potente?

É preciso criar política pública. Como presidente da Embratur, me cabe qualificar a empresa, trazer gente técnica, auxiliar quem está na ponta, que são as

prefeituras e os estados, em um diálogo permanente. Isso a gente já fez. Fizemos o mapa do turismo, já temos um diagnóstico. E o resultado já começa a aparecer. O turismo vem aumentando consideravelmente. A gente dialoga com o Brasil inteiro, não fica só nos lugares tradicionais. A gente promove o carnaval, vai promover o São João de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB), a gente vai promover o Festival de Parintins (AM). Então a gente está trabalhando com esse Brasil diverso.

### O que mais é preciso fazer?

A gente tem de ter investimento. A Embratur era uma autarquia. Portanto, estava no Orçamento da União. Em 2019, passou a ser uma empresa de serviço social autônomo, igual à Apex (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos). A Apex não pode receber emenda parlamentar, não está no Orçamento. Qual é a fonte garantida da Apex? Todo ano, 12% do Sebrae vão para a Apex. A Apex tem escritórios em vários lugares pelo mundo, promove trabalhos muito qualificados. É muito importante para a economia brasileira. Ponto.

### E a Embratur?

A Embratur também precisa, como a Apex, de ter uma fonte de recursos, porque não é mais autarquia e não pode receber emenda parlamentar. Qual é a

fonte da Embratur? A proposta original da medida provisória de Bolsonaro, era 15% do Sebrae. Na hora de votar a MP, votaram o modelo jurídico de agência mas não botaram no texto os 15% do Sebrae. Então criou-se uma empresa de serviço social autônomo sem orçamento. Me diga o lugar do mundo que a empresa que promove o país não tem orçamento. Então, é evidente que é preciso consertar isso.

### Com essa ideia em mente, o que o senhor fez?

Pedi à Fundação Getúlio Vargas um estudo para dar sustentabilidade à Embratur. A FGV estudou várias possibilidades e concluiu que a principal viabilidade da Embratur está em ter 5% do Sesc-Senac. Esse projeto, que no momento está no Senado, veio desse estudo, não tirei da minha cachola. E aí vamos ao debate. Por que não o Sebrae? Porque o Sebrae já financia a Apex. Por que o Sesc-Senac? Porque é o setor de comércio, o que mais ganha com o crescimento do turismo. Qualquer turista que eu traga pra cá vai ficar num hotel, ou num AirBnB. Vai comer em restaurante, vai comprar artesanato, vai um shopping, vai pegar um táxi. Vai consumir cultura, gastronomia. Então é um investimento do comércio, porque isso volta. Em janeiro, fevereiro e março, R\$ 8,6 bilhões foram

deixados aqui. Foram deixados onde? No comércio. Eles ganharam. É investimento, ponto.

### Há outras razões para escolher o Sesc-Senac?

Sim. Por causa do orçamento que eles têm. O Sesc-Senac têm de receita, os dois juntos, R\$ 9 bilhões por ano. Eu estou cobrando 5% disso, o que dá R\$ 447 milhões. Não é nada! Compare com Portugal. E tem um detalhe importante. A minha receita é em real, mas a minha despesa é em dólar. Porque, em qualquer feira internacional de que eu participe para promover o Brasil, eu pago em dólar ou euro. Nós vamos participar de uma feira em Londres. E a gente vai pagar em libra. É muito pior do que euro, né? Eu fico desesperado. Todo mundo acha ótimo uma feira em Londres, eu acho um horror! Mas tem de participar, é a maior feira do mundo.

### É um valor mínimo, então.

Eu não estou pedindo nada abusivo, absurdo. Primeiro, estou apresentando uma equipe técnica, um trabalho qualificado que já apresenta resultados. Segundo, é um valor aquém do que se precisa pra promover o Brasil. Cinco por cento do Sesc-Senac é muito menos do que o Bolsonaro propôs, que era 15% em 2019. Estou sendo bastante razoável. E eu estou tirando de onde está sobrando.

público, democracia, transparência e investimento no país.

### Como está a receptividade dos senadores?

Muitos líderes estão com a gente. A pressão nos senadores, nas bases, é muito forte. Eles criaram uma máquina de pressão monumental nos estados, nas cidades. Vão de gabinete em gabinete — coisa que eu fiz também. Agora, eu não vou botar propaganda na televisão, não vou botar gente panfletando. Estou indo com os números em tudo quanto é lugar. Mas tem líderes importantes apoiando a gente, tem líderes apoiando eles. Está bem dividido. Vai a voto. Pode acontecer tudo. Dependendo de como for a votação, o projeto vai voltar para a Câmara. Eu acho que não vão tirar a proposta do texto. Seria uma violência muito grande com a Câmara, porque passou bem lá.

### A pressão maior começou após a aprovação na Câmara?

Sim. Começou no Senado. E no Senado, como ele é menor, a pressão individualiza. Aconteceu de eu estar entrando no gabinete de um senador, e o cara da CNC (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo) bate à porta, esperando para entrar depois. Isso aconteceu. Eu cumprimento, eu sou civilizado (risos). Eu topo debater, apresentar os números. Estou propondo algo que não é pra mim. O indicador de sucesso do trabalho na Embratur vai ser medido nas cidades.

### Como foi a reação à época que Bolsonaro propôs os 15% do Sebrae?

Eles derrubaram já na Câmara. Então, eles não esperavam que, agora, a gente vencesse na Câmara. E aí foram com tudo no Senado, porque viram que a gente é capaz. Está muito violento e desproporcional. Acho, até, que esse poderia ser um dos projetos deles. Mas eles optaram por outro caminho, me cabe respeitar, fazer o debate público. Eu fui parlamentar durante muitos anos, entendo o parlamento. Não vou condenar o voto de ninguém. Vamos para o voto. Posso perder, mas, pelo menos, estou promovendo um debate sobre o turismo. Está todo mundo falando de investimento e do orçamento deles. Por sinal, é um bom tema. Por que tem R\$ 15 bilhões na conta deles em um país com tanto desemprego. Esse dinheiro é público ou não é público?

### Como avalia essa disputa política?

Com tranquilidade. O projeto passou na Câmara com apoio muito amplo. O relator era o (José) Guimarães, o líder do governo. Então o governo já se posicionou. O governo poderia chegar para mim e dizer “A gente não concorda com você”, e eu não apresentaria o projeto. Eu sou uma pessoa do governo.

Leia mais na página 8